





Já se sabe que os dois maiores arquitectos nacionais, Siza Vieira e Souto Moura, são do Porto. Foram eles que ajudaram a definir e a projectar a Escola do Porto e são os únicos portugueses com um Pritzker no armário, o prémio considerado o Nobel da arquitectura. Mas a verdade é que a arquitectura da cidade não começa e acaba neles. Há vários jovens arquitectos portuenses que vão sendo premiados ou reconhecidos, cá dentro e lá fora, mesmo aqueles que não frequentaram a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Apresentamos-lhe três exemplos, uns mais velhos, outros mais novos. José António Barbosa, Paulo Fernandes Silva e Miguel Medeiros fizeram-nos uma visita guiada pelos bastidores das suas obras: o Edifício Vodafone, o Living Foz e o hospitalcuf, respectivamente. **Mariana Duarte** mostra-lhe o que aprendeu. **Filipe Paiva** fotografou.

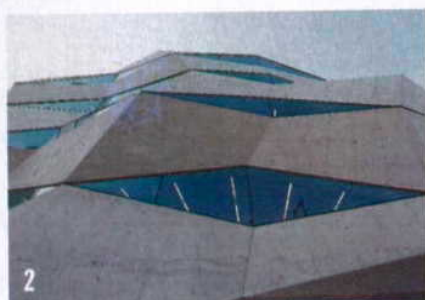
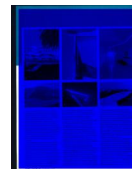
# SERÁ?

## EDIFÍCIO VODAFONE



“O lha, mais um meteorito como a Casa da Música”, ouvia-se nos autocarros que passavam pelo Edifício Vodafone na altura em que veio ao mundo, há coisa de dois anos. É certo que são duas obras com uma geometria estranha, feitas de betão branco e cuja linguagem contemporânea as torna marcadamente diferentes dos edifícios vizinhos, mas é demasiado leviano dizer que são iguais. Até porque “há imensos pormenores que explicam o facto de ter a forma que tem”, diz o arquitecto José António Barbosa, que assina o projecto em conjunto com Pedro Guimarães (ateliê Barbosa & Guimarães).





Um dos detalhes que explicam o molde da obra está relacionado com um dos grandes deveres do projecto: um edifício institucional tem de espelhar a identidade da empresa. Foi a partir do slogan *Vodafone, a vida em movimento* que surgiu “esta forma distorcida e desequilibrada, cujo objectivo é passar a ideia de movimento e uma certa irreverência, por ser uma rede muito ligada aos jovens” **(1)**, explica José António Barbosa. A arquitectura é estática por natureza, portanto não é fácil dar essa sensação de objecto animado. “O melhor elogio que tive foi alguém dizer-me que quando passou pela obra ela parecia estar a mexer-se.”

Quando pedimos a José António Barbosa para nos mostrar aquilo que as pessoas não costumam ver (ou perceber) quando olham para este edifício de escritórios, a primeira coisa que fez foi falar do exterior. “Uma obra de arquitectura é feita de muitos pormenores, como uma peça de alfaiataria ou uma pintura. Explicar aquilo que as pessoas não vêem não é só mostrar o que está escondido.” Por exemplo, o facto de as linhas que percorrem o edifício por fora nunca estarem cortadas **(2)**. Há uma continuidade de baixo para cima. É uma

espécie de origami que, se fosse esticado, ficaria todo direito. “Há um desenho muito rigoroso.” Outro dos detalhes importantes no exterior são os alinhamentos. “A obra estabelece uma relação com os edifícios a nascente e poente. Está alinhado com eles **(3)**; até há uma inflexão do lado direito para acompanhar a curva”, esclarece o autor. Apesar de chamar muito a atenção por ter “uma expressão contemporânea nova”, o arquitecto considera que o Edifício Vodafone encaixa bem onde está. “Se o virmos do ar ou no Google Maps percebemos que ele se integra muito bem na mancha urbana, não há rupturas. É uma arquitectura contextualista. A Faculdade de Arquitectura do Porto (FAUP) ensina-nos a preocuparmo-nos com a envolvente”, diz José, formado na FAUP.

O exterior reflecte-se no interior do edifício através de linhas distorcidas no chão e em toda a envolvente **(4 e 5)**. Era possível fazer tudo recto por dentro, mas quis-se “prolongar a geometria da fachada” para dar uma unidade a todo o projecto. Prova disso é também o jardim nas traseiras (apostamos que não sabia desta), cheio de altos e baixos, o que se coaduna com a topografia irregular do terreno. “Neste espaço

havia duas moradias e um jardim muito abandonado. Havia árvores antigas, como uma palmeira, que tentámos preservar. É um sítio de lazer para os colaboradores”, assinala José. Outro dos espaços onde os trabalhadores podem fumar um cigarrinho é no terraço (qualidade de vida que se estende às casas de banho com boas vistas), no sexto piso, que é, além do auditório, o único local a direito no edifício – obviamente, senão a coisa tornava-se perigosa **(6)**. “A cobertura na envolvente dá uma sensação de conforto porque não se fica no limite do edifício.” Não, não está aberto ao público, o que é uma pena.

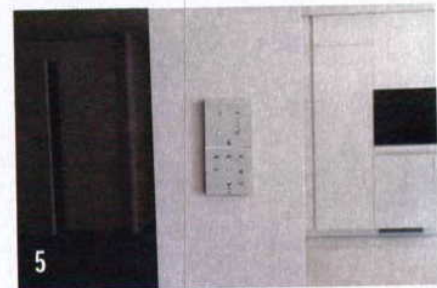
Quer se goste ou não, é por estas e por outras que o Edifício Vodafone (que serviu para concentrar os serviços da marca dispersos pela cidade) se tornou numa referência da arquitectura do Porto e, entre uma resma de prémios, foi considerado um dos “Building of the Year” (2010) na categoria de arquitectura institucional pelo Arch Daily, o site de arquitectura mais visitado. Mais um ponto de interesse arquitectónico na Boavista, a juntar à Casa da Música ou ao Burgo. “É uma das paragens daquele autocarro dos turistas. Muitos deles perguntam se é um museu.”

**P**rovavelmente já deve estar a babar-se para cima das fotografias e a pensar que esta é uma das casas que vai comprar quando lhe sair o Euromilhões. É uma daquelas que toda a gente gostava de ter, sim, mas é muito mais do que uma casa com uma arquitectura bonita e para dar nas vistas. Há muito raciocínio, contas, experiências, árvores mortas ("nunca tivemos tantas folhas de desenhos", disseram os autores) e horas de sono perdidas por trás deste projecto. "Foi a obra mais difícil de fazer, de passar da teoria para a prática, mas foi a que deu mais gozo", confessa Paulo Fernandes Silva (deMM arquitectura), o autor de 28 anos que, graças a esta obra, recebeu o prémio internacional Leaf Awards 2011 na categoria de "Young Architect of the Year". Paulo tirou o curso na ESAP, o que prova que não é só a Faculdade de Arquitectura do Porto que produz talentos. O projecto foi feito em colaboração com Isabela Neves e Tiago Soares Lopes, outros dois jovens arquitectos também do ateliê deMM.

O que este condomínio privado na Foz tem de especial e inovador são as varandas. Estão à volta de todo o edifício (1), o que faz com que quase todas as divisões da casa tenham acesso ao exterior. Além disso, estão sempre tapadas, portanto podem ser usadas durante o Inverno. "Quisemos criar um prolongamento do interior para o exterior, proporcionando uma vivência um pouco diferente", argumenta Paulo Fernandes Silva. "É tudo muito bonito", pensará o leitor, "mas se a varanda é tapada não posso apanhar sol no Verão." Está enganado. Aqueles ângulos oblíquos, que parece que saem disparados para fora do edifício e lhe dão uma forma distorcida – que se reflecte também no jardim (7) –, servem para estabelecer, na mesma varanda, momentos de sombra e de sol durante o ano inteiro (2), explica Paulo. Estes ângulos (3) funcionam também para dar "pontos mais evidentes" da paisagem. Pode não reparar a olho nu, mas as varandas estão separadas por vegetação (com rega automática) de modo a não parecerem divididas e a dar uma ideia de que não há interrupções em todo o edifício.

Mas as vantagens deste modelo das varandas não ficam por aqui. Através de simulações em 3D para prever como é que o sol ia rodar em volta do prédio, os arquitectos conseguiram fazer com que, no Verão, o sol iluminasse a varanda mas não batesse nas janelas e, no Inverno, acontecesse exactamente o contrário, de modo a aquecer o interior. E já que se fala em luz, convém também referir que as zonas sociais da casa (sala, cozinha e lavandaria) estão viradas para Sul porque assim têm sol durante todo o dia.

Como dá para perceber pela forma do edifício, uma das grandes inspirações para fazer este trabalho foi a escultura. "O betão permite dar esta plasticidade à obra; não há marcas a incomodar a forma", assinala Paulo. O interior (6) é propositadamente estático, para não criar confusão e destacar as varandas. Nos



apartamentos do andar de baixo a sala está desnivelada para dar uma sensação de que se está mais numa moradia do que num apartamento (4). Claro que as grandes janelas também ajudam. No interior está tudo ligado a um sistema de domótica (5): por exemplo, basta carregar num botão para fechar todas as janelas. Mas isto é o básico. O mais interessante deste sistema é que se pode, através do

telemóvel e de um código, dar ordens quando se está fora de casa para ligar e desligar o aquecimento, fechar as cortinas ou ligar o alarme. "É possível programar o cenário geral da casa", diz Isabela Neves. Se quiser começar a fazer contas à vida, deixamos o aviso: um apartamento do Living Foz custa 2500€ por metro quadrado. A boa arquitectura paga-se.



## HOSPITAL CUF PORTO



**S**im, isto é mesmo um hospital e não um hotel novo de quatro estrelas. Quem passou pela Circunvalação durante o último ano com certeza que já reparou (se não, é porque anda a dormir) no hospitalcuf Porto, aquele enorme e imponente paralelepípedo. Aliás, dois paralelepípedos, de escadas distintas. Por fora dá para perceber que é um edifício com um design marcante (não foi por acaso que entrou na shortlist dos World Architecture Awards de 2010), mas não se fica surpreendido por aí além quando se sabe que se trata de um hospital. Ok, é um hospital com uma aparência mais sofisticada e contemporânea do que os que estamos habituados a ver, mas tudo bem. Por dentro a conversa é outra. Se não vissemos por lá pessoas de bata médica, nunca na vida diríamos que aquilo era um hospital. Mas sim um hotel. “A ideia era mesmo essa: recriar um espaço hoteleiro”, conta Miguel Medeiros, 35 anos, arquitecto do Manuel Ventura & Associados Arquitectos, gabinete responsável por este projecto. Faz sentido: tal como as pessoas que vão para um hotel, os utentes de um hospital procuram conforto. São vários os detalhes que dão essa sensação

de bem-estar. O uso da madeira, as longas escadas rolantes que ligam a entrada à sala de espera e, sobretudo, o espaço aberto do rés-do-chão (sinónimo de muita luz natural), que mais parece um hall de um hotel (3). “O que se tentou criar aqui foi um espaço exterior no interior. Por isso é que o material das janelas – vidro e alumínio – é igual ao da fachada”, explica Miguel Medeiros. O minimalismo da arquitectura – evidenciado pela torre de janelas (6) e pelo facto de as portas se confundirem com as paredes, notando-se só os puxadores (4) – dá ao edifício o carácter tecnológico “que está associado à marca Cuf e a um hospital moderno”.

Mas não é só o trabalho arquitectónico que faz do CUF Porto um hospital-hotel. É também o facto de ter uma série de serviços, como uma papelaria e um cabeleireiro/centro de estética abertos ao público, uma cafetaria e um refeitório (1) com vista para o mar para “proporcionar momentos de paz”. Se estiver enfiado numa cama de um hospital ao menos não lhe falta nada: pode pedir que lhe arranjem as unhas no quarto ou mandar vir revistas da papelaria. Estes espaços mais públicos, como a cafetaria ou a sala de espera, são distinguidos dos espaços mais privados, como os consultórios, pelo uso da madeira. Outro desses exemplos é a capela (2), uma das salas mais bonitas do hospital. Até para um ateu. Fez-se uma

“reinterpretação moderna das características tradicionais de uma capela”, sem romper com o intimismo habitual. A ideia de resguardo é transmitida pela forma circular e pela iluminação indirecta. O design da luz é um dos pontos especiais da sala: “Quisemos fazer um círculo em cima do púlpito, para o destacar, e tiras de luz para combinar com o desenho da madeira. Cria-se um ritmo”, aponta Miguel.

No que toca aos espaços privados, há que destacar a parte do internamento. Ou seja, os quartos (5). Também aqui o objectivo foi fazer com que se parecessem o mais possível com quartos de hotel (só a cama é que é diferente, por razões óbvias). Até há alguns com vista para o mar. A grande curiosidade aqui é que as casas de banho são todas pré-fabricadas. “Os quartos foram construídos à volta delas, o que acelerou muito o processo de construção.”

Voltando lá fora, há um pormenor que, com certeza, passa ao lado de muito boa gente: os dois corpos que marcam o design da obra – dois paralelepípedos de volumes e cores diferentes – correspondem a sítios específicos no interior (7). O de baixo às áreas mais técnicas e o de cima aos pisos mais frequentados pelo público. Da próxima vez que passar pelo hospitalcuf pare, lembre-se disto e observe. Mas não o faça no meio da Circunvalação.